

# CINEMA EM CAMPINA GRANDE: CINE CAPITÓLIO O MODERNO E SUAS VÁRIAS FACETAS (1934 – 1949)

**Autor: Dougllas Pierre Justino da Silva Lopes**

Graduação UEPB

**MS. Flavio Carreiro Santana**

Orientador

Antes de entrarmos na nossa análise principal, no que diz respeito a estrutura cinematográfica campinense e como o Capitólio se encaixou como símbolo moderno no espeto de entretenimento da cidade, iremos iniciar nossa análise pelo início da cultura do cinema, cujo o aparelho de cinemascópio nasceu na França com os irmãos Lumière além de mostrarmos a chegada e consolidação do cinema no Brasil, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, a então capital do Brasil e palco dos grandes acontecimentos culturais do país

Para tanto, é preciso compreendermos o período entre 1896 (quando chegou o cinema no país) até o ano de 1929, onde se encerra o período de grande crescimento e definitiva consolidação da sétima arte no nosso território nacional.

Em 28 de Dezembro de 1895, no *Grand Café*, em Paris ocorre a primeira exibição pública de pequenos filmes que dariam origem ao cinema. **A saída dos operários das usinas Lumière, A chegada do trem a estação, O almoço do bebê e O mar**, foram alguns dos filmes apresentados.

O salão Lumière estava completamente lotado. As pessoas viam e voltavam para rever, já acompanhadas de outros cétricos. Nos dias seguintes havia disputa para conseguir entrar, os mais afoitos tentavam forçar a entrada, começaram os sopapos e bengaladas, a polícia foi chamada e o tumulto virou um caso de segurança pública. (SEVICENKO, 1998, p.518)

Apesar de filmes curtos e de produções rudimentares de baixo orçamento, como podemos observar acima esses vídeos provocaram um alvoroço por onde passaram e rapidamente começaram a se espalhar pelo mundo, principalmente nos Estados Unidos e Europa Ocidental.

Essas películas foram sendo levadas por investidores que sentiam nos filmes um ótimo produto para as classes média e alta que se espalhavam por todo mundo. E Como não poderia ser diferente alguns meses após a exibição dos irmãos Lumière os filmes chegam ao Brasil vindos da Europa: modelo para alta sociedade urbana brasileira da época: *“Foi ontem inaugurado esse luxuoso salão com a exibição de maravilhosos quadros de fotografias animadas, reproduzidas pela importante máquina Vitoscópio Super-Lumière, a primeira até hoje vinda a América do Sul.”*

No ano de 1896, ocorre no Rio de Janeiro a primeira exibição de imagens em movimento no aparelho de cinemascópio. Quem assistia os filmes apontavam para uma sensação nova, uma experiência nunca antes experimentada. Não era raro, assim como aconteceu na França, em suas primeiras exibições, as pessoas correndo das salas de exibição apavoradas com o que estavam presenciando.

Esse sucesso fez que o cinema rapidamente se desenvolvesse no Rio e em São Paulo, onde os primeiros filmes brasileiros foram rodados, entre os anos 1897 e 1898. Neste mesmo período, já existia no Rio de Janeiro uma sala fixa de exibições cinematográficas, sendo este o "Salão de Novidades Paris", localizado na rua do ouvidor, então rua elegante na *Belle Époque Carioca*.

O dono da sala de exibição era um italiano chamado Paschoal Segreto, chegou ao Brasil em 1883, sendo considerado um dos maiores financiadores de cultura no Rio de Janeiro, São Paulo e Cidade de Campos no início do século XX. Também tornou-se conhecido como "ministro das diversões" na cidade do Rio de Janeiro, onde os seus negócios incluíam salas de cinema, teatros, cafés e vários outros empreendimentos.

A esfera de convivência pública passa a ser ampliada pela substituição da iluminação a gás pela eletricidade, por volta de 1905, e pela implantação de linhas de bonde com tração elétrica a partir de 1894, ligando o centro aos bairros mais privilegiados. (MARTINS, 2004, p.40)

No início do século XX ocorre, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, uma explosão cinematográfica, acompanhando a tendência da Europa e Estados Unidos. Entre 9 de agosto e 31 de dezembro de 1907, nada menos que 22 salas de exibição foram inauguradas, sendo essas novas salas fruto também de investimentos públicos no setor de energia que no período de 1907 a 1910 se tornam mais confiáveis, passando de uma eletricidade de gás para elétrica.

Profissionais, estudando por conta própria, se tornam operadores de câmeras, inicia-se a febre do registro de todo e qualquer evento, cenas do cotidiano, possuir uma câmera que grava os movimentos se torna uma marca de distinção social e atrai a curiosidade da sociedade, com a nova tecnologia.

Atrás da tela de exibição, até o final da década de 20, outro grande sucesso de produção cinematográfica no Brasil se deu na adaptação de textos literários para a tela do cinema. Exemplos disso foram os grandes sucessos adaptados, tais como "Inocência" (1915), "O Guarani" (1916), "A viuvinha" (1915), "Iracema" (1918) e "Ubirajara" (1919). Nessa área de produção de películas, o literato José Alencar se torna um dos maiores sucessos de a sofrer adaptação dos livros para tela do cinema em que se refere ao público: "Fazer avenida" era uma frase corrente na época. A influência do cinema na vida social da cidade era sentida nos jornais, que já empregavam "os

*vocábulos fitas ou fiteiros como sinônimos de fingimento e fingido''.*

As belas ruas centrais onde se construíam salas de exibição cada vez mais modernos, se contrastavam com as revoltas populares e greves, caracterizando perfeitamente os contrastes do Brasil Republicano do início do século XX, onde a sociedade “perfeita” buscada pelos intelectuais da nova república se contrastava com a realidade caótica da população do país.

Como aponta Nicolau Sevcenko em um dos seus textos sobre as modificações no Rio de Janeiro, grupos de intelectuais brasileiros se identificavam com as idéias eugenistas e planejavam assim suas cidades, com todos os seus símbolos e representações de uma ordem social considerada perfeita.

Durante a Primeira Guerra mundial o Crescimento do Cinema no Brasil no sofreu grandes abalos. A forte influência da Europa diminui, dando lugar ao cinema norte-americano que naquele momento passou a distribuir suas películas em toda América Latina e Japão.

Os Filmes nacionais a partir de 1912 perdem espaço para o cinema dos Estados Unidos, já que os exibidores no Brasil, que financiavam por conta própria boa parte dos filmes, se tornavam representantes das grandes produtoras mundiais de filmes.

Fora do eixo Rio-São Paulo se verificou diversos ciclos temporários de cinema nacional chamados por muitos historiadores como *Ciclos Regionais*. Esses ciclos são encontrados mais evidentemente nas cidades de Recife, Porto Alegre, Pelotas, Cataguases, Belo Horizonte, Campinas, João Pessoa, Manaus e Curitiba.

Tais ciclos têm em comum uma investimento inicial baixo, porém com grande entusiasmo, um relativo sucesso com o público local. No entanto, o seu fim chegou rapidamente por serem abafados pela concorrência com as produções norte-americanas.

O período de 1920-1929 representou uma mudança significativa no cenário do cinema no Brasil. O crescimento dessa área do entretenimento continua, porém, agora o cinema norte-americano dominava quase que todas as produções exibidas no Brasil, mesmo com movimentos regionais de revitalização das produções nacionais.

O espaço para esses filmes brasileiros não tem continuidade, mesmo revistas de cinema como a Cinearte criada no ano de 1926, não valorizam o cinema brasileiro original, mas sim propõem uma cópia dos modelos dos valores dos filmes produzidos nos Estados Unidos.

Com uma carga de investimentos muito superior do que as dos investidores nacionais, o cinema americano se consolidou nesse período como o principal modelo cinematográfico no país, surgem revistas especializadas no gênero fazendo os personagens de Hollywood se tornarem mitos.

Os investimentos não se aplicam apenas nas produções mas também em sistemas de som e aparelhos de reprodução de última geração: os brasileiros rapidamente se acostumam com os filmes

legendados e os filmes nacionais passam para um segundo plano.

O ano de 1929 foi marcado pelo colapso do sistema liberal, que gerou uma crise em todos os setores da economia mundial, inclusive no entretenimento, do qual o cinema faz parte. Porém, os anos de 1896 até 1929, foram suficientes para a consolidação da cultura do cinema na sociedade urbana brasileira.

Ressaltamos, contudo, que este período de 33 anos em que a sétima arte se consolidou, foi marcado sempre pelo crescimento da infra-estrutura cinematográfica e disseminação dessa cultura na sociedade brasileira.

É de se lamentar apenas o pouco ou nenhum investimento estatal nas produções nacionais que em quase todos os casos se deram pela ousadia e pelo investimento privados. Sendo assim, o cinema nacional foi engolido pouco a pouco pelas produções das grandes indústrias do cinema dos Estados Unidos.

Vimos nesse primeiro momento, a consolidação da estrutura cinematográfica no Brasil. Campina Grande não ficou à parte do resto do país e também teve seu processo de estruturação do cinema, em um período de grandes transformações estruturais e culturais no município, com as várias idéias que surgiam de todos os lados, o moderno em oposição ao regional, ou moderno com regional, tradição e modernidade.

Desta forma, vamos então ambientar como se encontrava a cidade no período que o cinema chega aos campinenses, momento de transformações culturais, onde a "modernidade" era buscada a qualquer custo.

As mudanças ocorridas na cidade de Campina na primeira metade do século XX atingiram tanto se deu de forma material quanto sócio-culturais. O grande crescimento econômico de 1920 até 1950, devido ao chamado "ouro branco" (o algodão), cuja cidade chegou a ser a segunda maior produtora mundial, perdendo apenas para a cidade e de Liverpool na Inglaterra, propiciaram não apenas a chegada de mais investimentos, como também de novas idéias, como o pensamento progressista e moderno que tinha como meta a beleza e a higiene como modelo para as cidades desenvolvidas.

Devido ao algodão, nesses anos, Campina viu crescer sua população de 20 mil habitantes, em 1907, para 130.000 habitantes, em 1939, o que representa um crescimento de 650% em 32 anos, principalmente pela atração econômica aos comerciantes em toda Paraíba e Nordeste.

No que diz respeito a sua estrutura física, no ano de 1936 o município possuía 14.575 prédios, além de 15 indústrias, cinco estabelecimentos bancários, colégios, clubes e claro os nossos cinemas, principalmente o Capitólio que foi inaugurado em 1934, até então o maior e mais confortável cinema do Estado.

A modernidade era urgente, necessária, foi construída pela desconstrução do

patrimônio histórico, que foi violentamente atingida pela invenção do poder público, defensor do tempo centrado na prosperidade de alguns grupos políticos. (AMORIN, 2000, p. 141).

Com a chegada do trem a cidade, antes isolada, se liga ao país, e inicia o seu processo de cosmopolitização e desenvolvimento. Essa noção de progresso foi logo apropriada inflamadamente pelos políticos da cidade de Campina Grande.

Cabe lembrar que naqueles idos do início do século XX, a cidade não possuía estrutura básica como água encanada, esgoto e luz elétrica. Assim, o município não escapou desses novos signos de modernidade, fato que ocorreu claro com a desfiguração de diversas áreas da cidade.

A primeira metade do século XX para Campina, representou mudanças radicais na sua materialidade: arquitetos, engenheiros e diversos profissionais foram contratados para dar um traço moderno, principalmente a região central da cidade, onde se concentraram também os principais cinemas da cidade, como o Capitólio e mais tarde o Babilônia.

Partindo da necessidade de um ambiente moderno para a instalação de um cinema em Campina Grande, o Cine Theatro Capitólio, conhecido como O Maior do Estado, chega como uma possibilidade de lazer para a elite em ascensão da cidade.

Assim como os antigos cinemas da cidade, o Cine Capitólio surge como Cine-Theatro, pois ainda não existia na cidade um ambiente exclusivamente dedicado ao teatro, que oferecesse estrutura para peças de grande porte.

A cidade veio a possuir um teatro de grande estrutura apenas no ano de 1962, com a inauguração do Teatro Severino Cabral, palco até hoje de grandes eventos culturais da cidade, a partir desse ano os cinemas passaram a ser exclusivamente ambiente para exibição cinematográfica, como nos referenciou Lívio Wanderley, em entrevista à Ronaldo Dinoá:

**RD – O Cinema Capitólio, no seu início, funcionava como Cine-Teatro Capitólio. Por que esse extinção, ficando só com exibição de filmes? LW**  
-Naquela época, o povo gostava tanto de cinema quanto de teatro. Como não existia teatro em Campina grande aquela época, o cinema Capitólio era o que oferecia a melhor encenação para grandes peças, como também de companhias de vedetes que vinham do sul do país. (DINOÁ, 1990. p. 462)

O Cine Capitólio era de propriedade da Cia. Exibidora de Filmes, uma empresa com sede em João Pessoa, que era formado por diversos empresários e principalmente pela família Leal Wanderley, a família Leal oriunda do Rio Grande do Norte já tinha certa experiência no setor cinematográfico, tendo no estado vizinho os cinemas Royal e Potytheama.

Olavo dos Guimarães Wanderley herdou após a morte do seu sogro Alberto Leal, a administração dessas empresas de cinema, sendo um dos fundadores da Cia. Exibidora de Filmes, e que levou a cidade de Campina Grande, João Pessoa e outras cidades do interior à empreendimentos nesse setor.

Em 1934, juntamente com alguns empresários seus amigos ajudou a fundar uma sociedade anônima para exploração organizada, em moldes empresariais, do comércio cinematográfico e que levou o nome de Cia. Exibidora de Filmes, Sendo ele, inicialmente seu diretor-secretário.

A inauguração do Cine-Theatro Capitólio no dia 20 de Novembro de 1934, marca-se o início de uma nova fase da estrutura e da vivência do cinema para os campinenses: tudo se representava como moderno - a estrutura física uma das mais belas da cidade, o edifício foi construído pelo mestre Alípio, famoso construtor da época que passou pela cidade, os aparelhos de projeção de última geração, o ambiente interno e seu gigantismo, com quase 1.000 lugares para os espectadores.

No dia da inauguração, segundo relato do gerente do Capitólio Livio Wanderley, em depoimento a Ronaldo Dinoá as ruas ao redor do cinema estavam lotadas: as famílias campinenses de maior visibilidade urbana estavam presentes, sendo o filme de estréia *“Cavadores de Ouro”* com artistas americanos famosos como Dick Powell e John Blond, musical um dos estilos de maiores sucesso da época.

Assim foi dada a inauguração do Cine-Theatro Capitólio, com mil cadeiras, cujo local foi construído no local da sede da sociedade beneficente Deus e Caridade, nos fundos da Igreja do Rosário. Para podermos mostrar e tentar compreender a importância e as práticas sociais relacionadas ao Cine-Theatro Capitólio, temos que observar - lá, não isoladamente, mas sim dentro de um espaço maior: a cidade de Campina Grande.

Como já vimos anteriormente, Campina só veio a possuir um grande teatro para importantes peças e eventos no ano de 1962 na inauguração do Teatro Severino Cabral. Portanto, o Capitólio por quase 30 anos foi o grande espaço para os importantes eventos da cidade e também como divulgador de idéias, já que o rádio só chegou a cidade em 1948, sendo então a emissora Rádio Cariri. Conhecido pelo gigantismo, o Capitólio podia aglutinar quase 1.000 pessoas e estava situado na região central do município, lugar estrategicamente importante para interesses variados, inclusive políticos.

Nossa análise, pois, se dá em dois ambientes: o Capitólio cinematográfico -palco dos grandes filmes, e o Capitólio *“múltiplo”* - dos teatros, festas sociais e políticas, casa dos grandes acontecimentos da vida social de campinense.

O *“Cine Capitólio”* antes do surgimento das emissoras de radio, foi o local dos grandes comícios e dos grandes shows. Alí falaram Carlos Lacerda, Assis

Chateaubriand e se apresentaram Chico Alves, Dalva de Oliveira e Augusto Calheiros.( DINOÀ. 1990. p,528)

A primeira fase e mais conhecida é a que falaremos inicialmente, O Cine Capitólio, palco de grandes apresentações cinematográficas, com salas de exibição lotadas e grandes filas, tem uma face gloriosa de símbolo de Campina Grande e que teve seu fim décadas depois com a exibição de um filme pornô para não mais de uma dúzia de pessoas.

O Capitólio era na época o cinema “classe A” da cidade e, portanto, o preço dos ingressos eram também os maiores, o que não inibia a grande frequência de suas sessões. Sempre com as pessoas muito bem vestidas, uma verdadeira competição social de elegância.

Um dos grandes sucessos eram as matinés que aconteciam aos domingos, geralmente com ótimos filmes de aventura e trailer de seriados. Grandes sucessos eram exibidos na época, e as matinés eram o ponto alto das famílias, onde pais levavam seus filhos para verem os heróis hollywoodianos mais famosos da época.

As moças também tinham sua sessão regulamentada. Mas, apesar de ser destinado ao público feminino, essas exibições atraíam para o redor do cinema dezenas de rapazes que se exibiam e paqueravam com as damas, que chegavam sempre impecáveis para ver os filmes exibidos.

Encontramos relatos curiosos em um texto chamado Crônicas que aborda diversos fatos da cidade nas primeiras décadas do século XX ,três personagens dessas sessões para moças, como o chamado na época “trio 111”: eram três jovens que sempre circulavam juntas pelas ruas centrais da cidade. Tinham esse nome por serem magrinhas e bem parecidas uma com a outra. Assim, as moças foram uma dessas personagens que marcaram época nas exibições de filme no capitólio.

Nas sessões regulares os grandes sucessos eram comédias, far-west e os filmes de conteúdo religioso e histórico como a Paixão de Cristo, cuja exibição significava um evento na cidade e regiões vizinhas.

Ah! Com relação às grandes bilheterias do cinema Capitólio,quero lembrar a “Paixão de Cristo”,cuja fila ia do inicio da rua Irineu Joffily até seu final,com duas sessões.Era uma verdadeira multidão.Depois,vieram filmes como “Bem Hur”,“Os Dez Mandamentos”,Sansão e Dalila”,“Joana D’arc”,“La Violetera”,entre outros...(Ibid., p.462)

Esses primeiros e gloriosos anos do Cine-Capitólio também criaram as chamadas “figuras lendárias”, como João Pimentel, apontado por Livio Wanderley e Zé porteiro como o maior frequentador dos primeiros anos do cinema e o próprio Zé porteiro que trabalhou no Cine Fox e Cine Apollo, e mais de 35 anos no Capitólio, sendo conhecido por identificar o perfil dos clientes apenas pelo jeito que ele entregava os ingressos, sem precisar olhar no rosto dos frequentadores,ato confirmado por ele mesmo em entrevista a Ronaldo Dinoá.

Mas a vivência do espaço do Capitólio pelos campinenses ia muito além das exibições cinematográficas: o pavilhão era palco de grandes peças de teatro até coroação de Rainha dos Estudantes. É interessante, ao analisarmos os jornais da época, perceber que além das propagandas da empresa dona do cinema, constantemente aparecem chamadas de eventos sociais no local como essa que podemos observar a seguir.

Coroação da Rainha dos Estudantes campinenses. Sera lugar no Cine-theatro Capitólio,a coroação da rainha dos estudantes de Campina Grande,senhorita Gelda Pimentel.As festas,que já estão sendo preparadas,se revestirão de muito brilhantismo,para o que se vem empenhando todos os estudantes campinenses.Ao todo comparecerão autoridades e pessoas gradas da sociedade local,que para este fim estão sendo convidados,como também as embaixadas do "Centro Estudantil cearense",centro estudantil potyguar,Centro Estudantil da Parahyba e Centro estudantil Cajaseirense.O Centro Estudantal Campinense,está impenhado entusiasmadamente pela causa em apreço,que marcará na história a vitória dos estudantes da gloriosa terra de Afonso Campus.

Apenas neste fragmento de jornal podemos ver aspectos interessantes como a presença de autoridades e entidades estudantis de outras cidades e estados, a elitização e sofisticação do evento que são apontados em destaque no texto.

Não eram apenas festas estudantis que ocorriam no interior do Capitólio: músicos como Dalva de Oliveira e Cauby Peixoto lotavam o salão do cinema e eram verdadeiros acontecimentos de proporções que iam além dos limites da cidade,segundo o já citado Zé porteiro que trabalhou nas três salas de exibição analisadas neste trabalho.

Convenções partidárias também aconteciam com freqüência, não apenas com grandes nomes da política local, mas também com grandes nomes nacionais, como Carlos Lacerda, um dos grandes políticos brasileiros e que atuou fortemente no cenário nacional nas décadas de 40 á 70, como lembra o já citado acima Zé Porteiro em entrevista a Ronaldo Dinoá.

**RD-Na sua época,o cinema Capitólio abrigava os politicos daquele tempo, não era? ZP-** Lá pelo Capitólio ,passaram grandes políticos do passado. Agora o mais importante foi Carlos Lacerda,que na época era um político muito discutido;ele encheu o cinema,devido ao grande cartaz que desfrutava naquele tempo.(DINOÁ, 1990, p. 527)

Ainda assim, não poderíamos esquecer as grandes apresentações teatrais com a presença das maiores companhias de teatros do país. O universo do teatro era constante no interior do Capitólio, como podemos observar as constantes chamadas dessas apresentações teatrais nos jornais da cidade como o que podemos ver a seguir.

Telas e Palcos. Marquise e sua companhia continuam no cartaz dos fatos citadinos



fazendo o mais franco sucesso no Cine-Capitólio, com alegres espetáculos que tem agradado plenamente a nossa platéia. A matiné dedicada a mocidade estudantina na ultima quarta-feira, com números inéditos, constituem um dos mais interessantes motivos para satisfazer a seleta assistência que ocorreu no capitólio.

Por tanto, no interior do Capitólio aconteciam de tudo: desde exibição de filmes à convenções partidárias, o que marca fortemente esses primeiros anos, como jornais da cidade com relação ao Cine-Capitólio.

Observando os anúncios, panfletos e matérias sobre o Capitólio, percebe-se claramente que ser moderno é a idéia central do Cine-Theatro, sendo essa a representação constante sobre esse espaço de entretenimento, possuindo a maior e melhor estrutura da cidade, como referencia as imagens abaixo encontradas, em um dos seus panfletos:





Nesses dois exemplos das imagens acima, observamos bem claramente como o Cine Capitólio era representado na época. Na primeira imagem vemos a frase, *“a maior e mais confortável cinema do estado”*, na segunda imagem aparece a seguinte frase, *“O único cinema de primeira classe da cidade”*.

Não resta dúvida que a intenção e a função que o Capitólio exercia como espaço de lazer em Campina Grande era de uma grandiosidade que, como podemos observar, vai além dos limites de cidade, atingindo inclusive um nível estadual.

Foi possível perceber em diversos anúncios de filmes nos jornais da cidade da época que, enquanto em um mesmo dia se apresentava um grande filme no Capitólio, sempre de grandes empresas como a FOX, logo abaixo o antigo Cine Apollo, agora *Cine Paratodos*, no ano de 1936 anunciava: *“sessão popular”*, em um filme que nem a marca das grandes distribuidoras apresentava.

Porém, nem só de elegância e modernidade se vivia dentro do Capitólio, a sociedade campinense idealizada pelos políticos e intelectuais e mostrada pelo tempo por jornais e trabalhos acadêmicos, o qual pode ser verificado durante a pesquisas como elegante, comportada e rica, também tinham na realidade comportamentos Não muito civilizados para os padrões da elite econômica de Campina Grande.

Gritos no escuro, tentativa de entrar sem pagar e excesso dos namorados, eram parte da vida interna do cinema, onde as regras eram rígidas. Algumas dessas regras podemos ver na fala de Livio Wanderley ao Jornal da Paraíba no ano de 2000, Livio já idoso solta durante frases soltas diversas situações em que podemos ver o comportamento do público na sala de exibição, pode-se perceber também a preocupação com a questão moral no interior das salas de exibição.

Namorar podia,faltar com respeito dentro da casa,não podia não...Tinha brigas,as vezes alguém queria entrar a força mas agente barrava.Uma vez quiseram agredir uma cantora cubana na saída.A polícia veio e tudo,nesse caso,especificamente foi o preconceito que levou as pessoas a se sentirem ofendidas. A cantora se apresentou em uma roupa sumária e o publico achou amoral.Era uma época que Campina não tinha outra diversão.No Capitólio viam peças shows,peças teatrais.

Para segurar todo esse público que, quando lotava as salas do Capitólio chegava a quase mil pessoas, precisava-se sempre de uma espécie de segurança, sendo o mais famoso deles um senhor que era mais conhecido por Tubarão. Descrito como um moreno alto e de fisionomia fechada,Tubarão era o responsável por botar ordem no estabelecimento, mandar os guris calarem a boca e repreender os casais mais afoitos no interior do cinema.

Quem não se lembra da algazarra no início da sessão:sala escura, gritos, assobios, bombas caseiras em época junina, piolas de cigarros sobrevoavam as cabeças dos amendrontados guris: a urina escorria pelo chão e molhava os pés dos desavisados, sacos de pipocas funcionavam como verdadeiros petardos nas cabeças dos sonolentos,os namorados pegos nos flagras e os chicletes,depois de muitos mastigados eram colocados na cabeça do amigo da frente. (DINOÁ. 1990. p, 459)

Diante de todo exposto durante este capítulo final percebemos a importância do Capitólio no seu aspecto cultural, social e símbolo de desenvolvimento para a cidade,todo esse charme e glamour infelizmente contrastam com a realidade dos cinemas de Campina hoje,os de bairro e os grandes do centro não existem mais,as estruturas que tiveram mais sorte viraram igrejas evangélicas ou pequenos Shopping Center , já nosso querido Capitólio não teve belo destino,é apenas um monte de concreto velho, caindo aos pedaços a cada dia,sendo esquecido por todos,um puro *elefante branco* no centro de Campina Grande.